
2005: 400 anos de Dom Quixote

Servando German Varela Moure *

Resumo: Quarto centenário do romance de Miguel de Cervantes: “Dom Quixote de la Mancha”(1605), obra prima da literatura espanhola e universal. Sentido histórico e pessoal do romance. Mito e arquétipo. Polarização e complementaridade dos protagonistas: sua evolução. O desenlace: fidelidade na fé e renúncia às ilusões.

Palavras-chave: “Dom Quixote”: sentido histórico e arquetípico do romance; evolução dos personagens; cotidianidade e transcendência; sentido do mistério.

Neste ano de 2005 cumpriram-se 400 anos da publicação da 1a. Parte do romance de Cervantes: “O engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha”, obra prima da literatura espanhola e universal. A data tem sido comemorada com diversas homenagens, dando lugar, também, a renovadas interpretações do seu sentido, como acontece com toda obra clássica que vai revelando, a cada geração, novas manifestações da sua dimensão arquetípica.

Para além da intenção explícita do autor quando compôs o romance (“tornar aborrecidas dos homens as fingidas e disparatadas histórias dos livros de cavalarias”) e do sucesso total que teve nesse empreendimento (depois da publicação do seu romance não se compuseram mais livros de cavalarias) a obra apresenta outras dimensões que têm ido revelando-se progressivamente. Assim, por exemplo, viu-se nela uma representação significativa da circunstância histórica que Espanha vivia naquele momento. Diminuído seu poder naval pela destruição da que tinha sido chamada “Armada Invencível”, inicia-se um deslocamento do protagonismo histórico do império espanhol, que entra num processo de lenta decadência perante a emergência de um novo poder imperial que manterá o domínio dos mares até a primeira metade do Século XX: Inglaterra.

* Padre, Orientador espiritual, integrante da Instituição Dalmanutá (Serviço de Direção Espiritual). Professor no ICR e no Instituto de Teologia Paulo VI da Universidade Católica de Pelotas.

Miguel de Cervantes foi testemunha e participou pessoalmente desta transição vivida pela sua pátria desde o momento de glória em que, como heróico soldado, participou da vitória na memorável batalha naval de Lepanto em que as nações européias, chefiadas por Espanha, derrotaram a armada turca que ameaçava expandir o domínio do Islã sobre Europa, até o momento em que, preparando-se a “Invencível” para enfrentar o crescente poderio naval inglês, Cervantes figura apenas como um escuro provedor de víveres e assiste, atônito como todos os espanhóis, à destruição da Armada por uma violenta tempestade, antes mesmo de que entre em batalha com os ingleses. A convergência destes fortes contrastes na situação de Espanha e na vida pessoal de Cervantes, sempre foi considerada como motivo de inspiração e vivência subjacente na cosmo-visão do “Quixote”.

Transcendendo esta significação imediata, as figuras de Dom Quixote e Sancho Pança têm-se elevado a um nível representativo arquetípico, ao nível do mito. Nele, a humanidade tem visto uma personificação do permanente contraste entre fantasia e realidade, ideal e realizações concretas que acompanham o homem no seu devenir histórico. Esta polaridade dos protagonistas induziu aos intérpretes, através dos tempos, a destacar ora um, ora outro de ambos aspectos: exaltação da fantasia ou consciência da realidade concreta; “loucura” dos possuídos por um ideal e “cordura” dos que unicamente sabem ver o que percebem com os sentidos ou a razão.

Esta polaridade é a que ficou gravada também no imaginário coletivo. No entanto, parece-nos que o desenvolvimento dos acontecimentos do próprio romance vai matizando esta caracterização demasiado esquemática e contraposta, mercê do processo de convivência dos dois personagens e da influência recíproca e dialética que vai se dando entre eles, que vai transformando paulatinamente a ambos.

Assim, se falou de uma “quixotização” de Sancho (Miguel de Unamuno), como também, de certa maneira, de uma “sanchificação” de Dom Quixote (Salvador de Madariaga). A “quixotização” de Sancho consiste em que o sentido do ideal que levou Dom Quixote à “loucura” vai infiltrando-se progressivamente em Sancho, que sonha com a “ínsula” da qual Dom Quixote prometeu-lhe torná-lo governador. Apesar disso, num momento de lucidez e auto-consciência, Sancho confessa para si próprio, refletindo a sós: *“Este meu amo, já tenho visto que é um louco de pedras, e eu também não lhe fico atrás, que até sou ainda mais mentecapto do que ele, pois que o sirvo e sigo, se é*

verdadeiro o rifão: 'Diz-me com quem andas, dir-te-ei as manhas que tens'.” (2a. Parte, Cap. X).

Por sua vez, Dom Quixote parece ir perdendo progressivamente, na Segunda parte do romance, algo daquela capacidade de transfigurar fantasiosamente a realidade que o levava, na Primeira, a enfrentar moinhos de vento como se forem gigantes, ou a idealizar uma tosca lavradora como se fosse “*a Imperatriz de la Mancha, a sem igual Dulcinéia del Toboso*”. Quando nesse mesmo capítulo X da Segunda parte Sancho, ardeiramente, lhe apresenta uma aldeã vulgar como se fosse Dulcinéia, uma formosíssima princesa, “*vestida com telas de brocado*”; “*ela e as suas damas todas são ouro, pérolas, diamantes, rubins*”, Dom Quixote não consegue vê-la assim, sofre muito por isso e depois, a sós com Sancho, confessa-lhe que não conseguiu ver nela senão “*uma mulher de tão vil condição e tão feia como aquela aldeã, com um cheiro de alhos crus, que me chegou a agoniar*.” Em tal conjuntura, Sancho porfia dizendo que os “*perversos nigromantes*” que perseguem a Dom Quixote devem tê-la “*encantado*” para que o heróico e enamorado cavaleiro não possa gozar da sua incomparável formosura. Percebe-se, pois, a mudança de papéis: Sancho fantasiando ardilosamente para enganar a Dom Quixote, e Dom Quixote que não consegue ocultar para si próprio a realidade que os seus olhos percebem.

Esta interação de oposições e complementaridade entre os dois personagens, chega no seu ponto culminante no último capítulo do romance. Depois de derrotado pelo Cavaleiro da Branca Lua (na realidade, o seu vizinho, o bacharel Sansão Carrasco fantasiado que, em conivência com a ama e a sobrinha idearam esta estratégia para fazer retornar Alonso Quijano a sua aldeia), Dom Quixote retorna a casa, recupera a razão e abjura dos livros de cavalarias. Mas, ao mesmo tempo, perde interesse pela vida e, segundo a opinião do médico que o trata “*melancolias e desabrimentos davam cabo dele*”. Em tal situação, Sancho e os outros personagens da aldeia tentam reanima-lo, propondo-lhe uma nova ilusão: “*levante-se dessa cama e vamo-nos para o campo vestidos de pastores ... talvez em alguma mata encontremos a Senhora Dona Dulcinéia desencantada, que não haja aí mais que ver*” E então Dom Quixote –na verdade já Alonso Quijano, o Bom- responde: “*-Senhores, deixemo-nos dessas coisas, o que foi já não é: fui louco e estou hoje em meu juízo; fui Dom Quixote de la Mancha, e sou agora, como disse, Alonso Quijano, o Bom*”,

usando agora, para expressar seu pensamento, uma linguagem que era típica de Sancho e da sabedoria popular.

Não obstante, este final desencantado da trajetória de Dom Quixote não é um convite ao pessimismo ou a uma visão negativa da realidade. Consciente da sua situação, Alonso Quijano manifesta: *“Dai-me alvíssaras, bons senhores, que já não sou Dom Quixote de la Mancha, mas sim Alonso Quijano, que adquiri pelos meus costumes o apelido de “Bom”*. Perante a insistência dos circunstantes que, depois de ter tramado sua derrota pretendem agora, paradoxalmente, reanima-lo estimulando nele as fantasias às que por própria vontade tem renunciado, responde: *“Sinto, senhores, que a morte vem correndo; deixem-se de burlas e tragam-me um padre a quem eu me confesse e um tabelião que faça o meu testamento, que em transe como este não há de um homem brincar com a sua alma”*.

A maior façanha de Dom Quixote é, verdadeiramente, saber morrer como Alonso Quijano, o Bom: desiludido, sim, mas não desesperado. Embora despojado de ilusões, permaneceu fiel à fé. Assim, o “Quixote”, como toda obra clássica, deixa para nós, em definitiva, uma lição de sabedoria e moderação. Consciente das suas limitações, o herói que é cada homem que vive com autenticidade sua vida de cada dia, persevera na fé e descobre, através dela, o sentido transcendente presente na realidade cotidiana. Porque, como diria o escritor brasileiro Guimarães Rosa -outro clássico de nosso tempo-: *“Tudo é a ponta de um mistério. Mesmo o fatos. Ou a ausência deles. Você duvida? Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo”*.